

DANÇA E DIÁSPORA NEGRA

POÉTICAS POLÍTICAS, MODOS DE SABER E EPISTEMES OUTRAS

ORGS.

AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO
CELINA NUNES DE ALCÂNTARA
FERNANDO MARQUES CAMARGO FERRAZ
MARIA DE LURDES BARROS DA PAIXÃO

EDITORA

DANÇA E DIÁSPORA NEGRA

POÉTICAS POLÍTICAS, MODOS DE SABER E
EPISTEMES OUTRAS



AMÉLIA VITÓRIA DE SOUZA CONRADO

CELINA NUNES DE ALCÂNTARA

FERNANDO MARQUES CAMARGO FERRAZ

MARIA DE LURDES BARROS DA PAIXÃO

APOIO FINANCEIRO



ANDA Editora.

1.ª Edição - Copyright© 2020 dos organizadores.

Direitos dessa Edição Reservados à ANDA Editora.

C754d Conrado, Amélia Vitória de Souza

Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes
outras/ Amélia Vitória de Souza Conrado; Celina Nunes de Alcântara;
Fernando Marques Camargo Ferraz; Maria de Lurdes Barros da Paixão,
organizadores. – Salvador /; ANDA, 2020. – 674. : il. – (Coleção Quais
danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 6).

ISBN 978-65-87431 02 4

ISBN Coleção 978 658 743 112 3

1 Dança 2 Dança Negra 3 Políticas Título II Série III Alcântara, Celina Nunes
de IV Ferraz, Fernando Marques Camargo V Paixão, Maria de Lurdes Barros
da

CDD 371

Patrícia de Borba Pereira – Bibliotecária - CRB10/1487

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nº 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

EDITORA

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança

ANDA Editora
Av. Adhemar de Barros s/n
Ondina – Salvador, Bahia.
CEP 40170-110

DONA CICI, A MENSAGEIRA DOS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS: AS ARTES INTEGRADAS AFRODIASPÓRICAS DE ORIGEM IORUBÁ DO BRASIL E DE CUBA COMO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DA DANÇA ■ Beatriz Gonzalez Lagos **146**

PRETA SINHÁ, PRETO SINHÔ: PROCESSO E APRENDIZADOS SOBRE IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE AFRICANA ATRAVÉS DA DANÇA ■ Sheila Karine e Maria de Lurdes Barros Paixão **162**

CORPOREIDADES AFROANCESTRAIS NA CENA CONTEMPORÂNEA: EXPERIMENTO, ENSINO E CRIAÇÃO ■ Gerson Carlos de Sousa **175**

3ª PARTE INTERSECCIONALIDADES **194**

"JOGANDO COM A INSTABILIDADE": MULHERES NEGRAS RE-IMAGINANDO EQUILÍBRIO NA DANÇA ■ Agatha Silvia Nogueira e Oliveira **195**

CORPAS DA TERRA, CORPAS INTUITIVAS: NOTAS SOBRE FAZERES EM DANÇA JUNTO A MULHERES QUILOMBOLAS ■ Candai Calmon **212**

MOVIMENTO QUADRIL: DOS RICOCHETES DA BUNDA FEMININA PRETA À CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM CONTEXTOS AFROCENTRADOS ■ Ana Carolina De Toledo **226**

O CORPO DA MULHER NEGRA NAS ARTES CÊNICAS ■ Gabriela Souza da Rosa e Celina Nunes de Alcântara **243**

AFETOS DISSIDENTES, CORPOS VIGENTES: REFLEXÕES SOBRE A HOMOAFETIVIDADE NEGRA NA DANÇA CONTEMPORÂNEA ■ Bruno Novais Dias **258**

CORPO-NANÃ: EXPERIÊNCIA PERFORMÁTICA NO MANGUEZAL ■ Cleyce Silva Colins **274**

A DANÇA DE OXUM NA CONSTRUÇÃO DO CORPO CAVALO ■ Joelma Ferreira e Ana Maria de José **288**

**AFETOS DISSIDENTES, CORPOS VIGENTES:
REFLEXÕES SOBRE A HOMOAFETIVIDADE NEGRA NA DANÇA
CONTEMPORÂNEA**

Bruno Novais Dias (UFBA)

Antes de começar esse texto gostaria de propor uma rápida experimentação. Responda à pergunta a seguir, para si mesmo, com a primeira palavra que vem a sua mente: “— O que você está sentindo nesse momento? ” Talvez sua resposta seja alegria, sono, fome, desânimo, curiosidade, entre tantas outras respostas possíveis que você, instantaneamente, tentou resumir a pedido desse autor. Você já parou para pensar quantas vezes faz esse exercício por dia? Provavelmente muito pouco ou se quer essa ação é realizada, pois socialmente não possuímos uma atenção para refletir sobre o que nos afeta, principalmente sob esse sistema capitalista que nos obriga a estar ocupado a todo momento com foco em produzir massivamente.

Essas questões começaram a surgir em 2017, na Escola de Dança da UFBA, quando na busca de um tema à criação de uma nova obra juntamente com o artista/pesquisador Eduardo Guimarães, começamos a divagar sobre nossas questões afetivas. Naquele momento, havíamos acabado de sair de relações amorosas perturbadas, interferindo em nossos estudos, vida social e principalmente em nossa autoestima. Naquele instante percebemos que já tínhamos um caminho pelo qual percorrer. Foi extremamente potente trabalhar com os nossos afetos em processos criativos em dança, e para além da arte, como é necessário refletirmos sobre aquilo que nos atravessa emocionalmente. Depois desse dia, não parei mais de pesquisar sobre afetividade, sempre atravessando as questões de raça⁹⁷, gênero e sexualidade. No entanto, comecei a me perguntar recentemente, o que de fato significa “afeto”? Como determinamos se fomos afetados por algo ou alguém? Afeto e sentimento possuem o mesmo significado?

⁹⁷ Mantemos aqui o uso da palavra *raça* para referir-se a etnicidade das pessoas negras, pois consideramos que esse termo ainda é um operador sociológico de peso na reprodução dos estigmas racializantes em nosso país.

O autor António Damásio em seu livro *A estranha ordem das coisas* (2018), possui um capítulo destinado a refletir sobre os afetos a partir da neurociência. O autor argumenta que:

O afeto, portanto, é uma tenda bem ampla sob a qual deposito não só todos os sentimentos possíveis, mas também as situações e mecanismos responsáveis por produzi-los, ou seja, por produzir as ações cujas experiências tornam-se sentimentos. (DAMÁSIO, 2018, p.96).

Partindo da visão do autor, os nossos sentimentos são a base do nosso processo afetivo, assim como as situações e as formas que os produzem. Nas palavras do autor os sentimentos “são experiências mentais e, por definição, conscientes” (DAMÁSIO, 2018, p.98). Ele afirma que temos consciência dos sentimentos, justamente, porque conseguimos identificá-los e classificá-los como positivos ou negativos. Esse processo se chama *valência* que é: “[...] a *qualidade* inerente da experiência, que apreendemos como agradável, desagradável ou algo entre esses dois extremos” (DAMÁSIO, 2018, p.101).

Contudo, esse processo de construção sentimental não parte apenas do nosso interior, eles são formados em diálogo com nossas referências exteriores (sociais, culturais e históricas). Damásio aponta em seu texto a importância do fenômeno *sentimento* em nossa sociedade:

Sentimentos acompanham a trajetória da vida em nosso organismo, tudo o que percebemos, aprendemos, lembramos, imaginamos, raciocinamos, julgamos, decidimos, planejamos ou criamos mentalmente. Conceber os sentimentos como visitantes ocasionais da mente ou como sendo causados apenas pelas emoções típicas não faz jus à ubiquidade e à importância funcional do fenômeno. (DAMÁSIO, 2018, p.96).

As emoções por outro lado, não atuam em nosso campo consciente, sendo provocadas em resposta às situações que alterem o nosso equilíbrio homeostático⁹⁸. O desencadeamento das emoções acontece quando uma situação é identificada por sistemas cerebrais específicos, ocorrendo uma alteração em nosso estado fisiológico, podendo gerar liberação de moléculas químicas, mudanças viscerais, movimentos da face, membros ou até do corpo inteiro, resultando em uma resposta emotiva (DAMÁSIO, 2018).

⁹⁸ Capacidade do organismo de se manter constante, para que suas funções e reações químicas essenciais não sejam influenciadas e permaneçam dentro dos limites aceitáveis à manutenção da vida. (HOMEOSTASE, 2020).

Com isso o autor aponta para uma diferenciação das emoções e dos sentimentos, sendo que o primeiro acontece por meio de um processo orgânico e inconsciente, o segundo de maneira totalmente consciente, a partir da localização, perspectiva e construção social de cada indivíduo.

A antropóloga Jeanne Favret-Saada em seu texto *Ser afetado* (2005), reflete sobre o processo afetivo a partir de uma experiência no Bocage francês em um ritual de feitiçaria. A autora na época buscava contrapor pesquisadores que defendiam a importância de não se relacionar com os seus “objetos” de pesquisa, na tentativa de protocolar um distanciamento entre pesquisador e seu interlocutor, pressupondo uma neutralidade nas relações de pesquisa. A autora participou do ritual no intuito de descrever como era esse processo estando dentro da manifestação e a importância do pesquisador estar imerso em sua proposta para poder colher dados mais detalhados. Favret-Saada, no final do processo, compartilha que foi enfeitiçada, relatando que muitas vezes não conseguia registrar o que havia acontecido em seu diário, pois simplesmente lhe faltava palavras para tentar decifrar sua experiência.

A partir de sua vivência a autora entende os afetos como “[...] intensidades específicas que geralmente não são significáveis” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 159). Em seu texto refletindo sobre o processo da feitiçaria, ela aponta que quando não vamos no caminho de querer entender tudo em um processo de racionalização da vivência, é possível conhecermos uma outra dimensão da experiência humana, é possível sermos afetados (FAVRET-SAADA, 2005).

Com base nessas partilhas, podemos relacionar o ponto de vista da autora com Damásio e refletirmos que ambos indicam diferentes possibilidades para se pensar sobre afeto. Damásio demonstra uma dimensão mais orgânica e racionalizada em um estudo neurológico e cultural sobre essas construções afetivas e Favret-Saada, com base na antropologia, parte de uma prática ritualística, apresentando uma dimensão mais subjetiva de uma presença, na qual ser afetado é ser transformado pela experiência da vivência.

Alicerçado pelos dois autores, sugiro que podemos entender que a afetividade humana se constitui entre as experiências conscientes e subjetivas que nos permitem (ou não) identificar e mensurar uma experiência vivida.

Os afetos e suas intersecções

Se ponderarmos sobre essas questões pensando nos corpos negros e os atravessamentos do racismo, podemos refletir na importância de se pensar sobre *afetividade negra*, visto que existe uma estrutura social que modifica a experiência afetiva desses corpos. O autor Silvio Almeida relata em seu livro *Racismo Estrutural* (2019), a constituição e a dinâmica do racismo que perpassa as esferas econômicas, culturais, históricas e sociais, salientando a reverberação do mesmo na construção da subjetividade desses corpos:

[...] o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. (ALMEIDA, 2019, p. 63)

O autor relata que a elaboração da autoconsciência e as experiências subjetivas do sujeito negro irremediavelmente serão afetadas pelo racismo, interferindo totalmente em todas as suas relações pessoais e interpessoais (ALMEIDA, 2019). A autora bell hooks no texto *Living to love*, contribui nessa perspectiva afirmando como o período escravocrata influencia até hoje nas relações afetivas dos negros:

A escravidão socializou as pessoas negras para conter e reprimir uma série de emoções - testemunhando uns aos outros sendo diariamente sujeitos a todos os tipos de abusos físicos, a dor do trabalho brutal excessivo, a dor das punições, a dor de quase morrer de fome – pessoas negras escravizadas raramente poderiam mostrar simpatia e solidariedade uns com os outros. [...] Era apenas em espaços cuidadosamente cultivados de resistência social que escravos podiam dar vazão aos sentimentos reprimidos. Assim, eles aprenderam a controlar o impulso de cuidar quando era mais necessário e aprenderam a aguardar por um momento “seguro”, quando os sentimentos poderiam ser expressados. (hooks, 1993, p. 232, TRADUÇÃO NOSSA.)

A autora enfatiza como o processo escravocrata forçou os negros a buscarem uma forma de dividirem “razão e emoção” como estratégia de sobrevivência. Até hoje é muito comum associarmos a emoção como uma fraqueza, principalmente os homens negros, que além de possuírem o

patriarcado reforçando uma figura do homem desprovido de sentimentos, ainda possuem um legado histórico da escravidão como herança, acreditando que a brutalidade e severidade são características que imprimem força e virilidade.

Nesta perspectiva, refletir sobre afetividade negra é uma estratégia política de sobrevivência e (re)existência, pois só conseguiremos transformar nossas estruturas sociais se antes voltarmos nossas atenções para os nossos sentimentos e subjetividades. E se formos mais a fundo pensando para além da raça, refletindo sobre as intersecções de gênero e sexualidade, esse processo torna-se ainda mais necessário.

A partir da minha experiência de vida sendo uma bixa preta⁹⁹ e com base em relatos de amigos próximos, começo a perceber que além da cor da pele preta o fator *sexualidade* é um agente que também influencia nossas experiências afetivas, pois estando dentro de uma sociedade heteronormativa supremacista branca, nossas relações, desejos e vivências são totalmente atravessados por esses padrões impostos. Em vista disso, começo a me debruçar reflexivamente como pesquisador e artista sobre o termo *homoafetividade negra*, levando em conta essas intersecções como influenciadoras na construção desses sujeitos negros e homossexuais.

Na busca de teóricos que indiquem uma possível definição do termo *homoafetividade*, percebo que é muito recorrente a utilização da expressão sem nenhuma conceitualização. A única definição que encontrei até o presente momento foi da autora Maria Berenice Dias que no seu livro *União homoafetiva: O preconceito e a Justiça*, utiliza o termo no intuito de resguardar o direito do afeto entre pessoas do mesmo sexo, não associando especificamente a prática sexual como alicerce constitutivo dessas relações (DIAS, 2009), ou seja, em sua perspectiva o termo pode ser utilizado para retratar o afeto entre dois homens ou duas mulheres héteros, por exemplo.

A contribuição da autora é de extrema relevância se pensarmos que os processos afetivos estão para além das relações conjugais e sexuais, considerando que as trocas de afetos acontecem em relações parentais,

⁹⁹ Termo utilizado com “x” pelos ativistas homossexuais negros como transgressão da linguagem formal e ação política que intersecciona raça e sexualidade.

amizades ou até mesmo com animais de estimação por exemplo. Entretanto, nesta pesquisa utilizo esse termo para retratar as experiências afetivas dos homossexuais negros a partir da dança, pensando nele como um dispositivo dramático potencializador na vida destes sujeitos, constituindo um posicionamento político que protagoniza tais corpos.

É imprescindível ressaltar que dentro deste artigo e em minha atual pesquisa, utilizo esse termo com base na minha experiência de vida enquanto uma bixa preta cisgênero, que reconhece que cada identidade de gênero, pode se relacionar com esse termo de diferentes formas. Esta pesquisa não visa desconsiderar ou ignorar todas as produções que contribuem para a desconstrução dessas normativas de identidades de gênero e sexualidade, mas sim, de problematizar esse lugar a partir da minha relação com essas esferas, entendendo a insurgência de questionar esses processos afetivos atravessados por essas intersecções. E quem sabe, corroborar para outras pesquisas que reflitam sobre afetividade a partir dessas outras identidades de gênero. A busca por uma representatividade política pode nos apresentar dilemas importantes, como reconhecer as diferenças e descobrir estratégias que não desistam de estabelecer diálogos e reconhecimentos possíveis

Portanto, o intuito aqui não é trazer respostas concretas ou alocar determinados sujeitos em caixas categorizadoras, e sim, problematizar e buscar uma atenção para esses afetos dissidentes que possuem uma interferência direta em suas edificações em consequência da estrutura racista e homofóbica que vivemos atualmente. E escolho fazer um recorte para falar das bixas pretas, primeiramente, por me reconhecer enquanto uma e por acreditar na importância de gerar discussões e reflexões específicas acerca de cada grupo que se identifica a partir das mesmas perspectivas de identidade de gênero e sexualidade. Este objetivo não anula a individualidade e subjetividade de cada pessoa, pelo contrário, almeja fortalecer uma resistência desse movimento e apontar a similaridades em alguns processos nas construções afetivas desses sujeitos.

Homoafetividade Negra - Dançando os nossos afetos como estratégia de (re)existência

Desde 2017, quando inicio o meu primeiro trabalho artístico investigando os afetos como disparadores em processos criativos, percebo o quão prazeroso e doloroso pode ser explorar essas percepções. Essa ambiguidade é compreensível, pois os afetos abarcam os sentimentos tidos como positivos, negativos e os seus *entres*, sendo necessários para o nosso equilíbrio. A potencialidade de trabalhá-los em um processo artístico está nas infinitas possibilidades de investigação de sentimentos, lembranças e estados corpóreos.

Porém, para as bixas pretas – assim como para outros corpos dissidentes – essas investigações muitas vezes perpassam por lugares de sofrimentos, principalmente àquelas que experienciam uma *segunda diáspora*, quando ao performar suas sexualidades são expulsas de seus ambientes familiares ou ciclos de amizades (VEIGA, 2019). Essas alterações de relações são um ponto de extrema relevância quando pensamos em interferências em nossas construções afetivas “[...] uma vez que a família ocupa lugar especial de pertencimento e de segurança para a bixa preta” (VEIGA, 2019, p. 84). Além dessas possíveis quebras de vínculos, as bixas pretas correm o risco de ficarem expostas a hipersexualização de seus corpos, dificuldades de se relacionar amorosamente – por insegurança e baixa autoestima –, falta de representatividade midiática e escassez de trabalho. Essas questões se intensificam quando as mesmas externam uma feminilidade mais aparente.

Por esses e outros motivos entendo a relevância de refletir artisticamente sobre *homoafetividade negra* em meus trabalhos, pois antes de enfrentarmos o mundo para performar nossas verdades, necessitamos mergulhar em nossos processos subjetivos e refletir sobre as nossas construções sentimentais. Lucas Veiga pontua que “O trabalho sobre si, o autocuidado, tão fundamental para que a bixa preta siga viva num mundo que quer exterminá-la, é ferramenta de fortalecimento para o confronto permanente com a realidade social do racismo” (VEIGA, 2019, p. 90).

Ao propor em 2019 um projeto intitulado *POC – Pretas, Ousadas e Contemporâneas* para o PIBEXA-UFBA¹⁰⁰, meu intuito era justamente utilizar essas experiências homoafetivas como material propulsor à criação de um espetáculo em dança que além de mostrar as fragilidades e dores que uma bixa preta afeminada vivência, consistia, também, em realçar a força, beleza e determinação desses sujeitos.

Convidei para atuarem como interpretes três alunos da graduação e um do mestrado da Escola de Dança da UFBA¹⁰¹, que se enquadravam dentro deste perfil, o qual almejava para essa obra: Bixas pretas afeminadas e periféricas. O processo se iniciou com a utilização de uma metodologia que estou desenvolvendo desde 2018, intitulada como *mapeamento dos afetos*¹⁰² que consiste em um procedimento de reflexão e escrita pelo corpo utilizado como disparador para processos criativos. A proposta parte da seleção de um sentimento no qual o artista/mediador pretende aprofundar – sozinho ou em grupo - para que durante o processo este mapeamento aponte as intersecções e possibilidades de criação em dança a partir dessa constelação de afetos que vivenciamos diariamente em nossa construção social e subjetiva.

Com isso, divido este processo metodológico em três partes: Identificação, reflexão e transformação. Identificação – o mediador solicita que o artista/convidado identifique uma história afetiva dentro de critérios pessoais do mesmo; Reflexão - o artista/convidado cria um apanhado de semelhanças e diferenças entre as histórias – Caso seja um processo solo, o artista/criador/mediador pode colher histórias de pessoas que possuam o mesmo perfil identitário (ou não) do mesmo, depende de sua proposta – e inicia uma investigação improvisacional a partir da dança escrevendo-a pelo corpo; Transformação – com base nestas etapas em destaque, o artista/convidado que utilizar o mapa começa a desenvolver ações artísticas (coreografadas ou

¹⁰⁰ Programa Institucional de Experimentação Artística da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia (PROEXT)

¹⁰¹ Os interpretes são: Daniel Dias, Eduardo Almeida, Patrick C. de Jesus e Wiliam Gomes. E no início do ano 2020, o aluno Allan Fradique também foi convidado para integrar o elenco.

¹⁰² Anteriormente era intitulada como “Mapa de afetividade”. Assim como a própria metodologia, o nome está em desenvolvimento. Essa mudança ocorreu por uma busca poética para o título por tratar-se de um processo em dança.

semiestruturadas) que gerem possibilidades de transformação cênica dos temas que surgiram no decorrer do processo.

A possibilidade de uma *escrita pelo corpo* surge a partir do conceito de *Performance da Oralitura* de Leda Martins. Ela explica:

[...]. Que o corpo em performance, é, não apenas expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, nos solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem. (MARTINS, 2013, p. 66).

Desde quando comecei a refletir sobre a criação desta metodologia, venho explorando em meus processos o *amor* como ponto de partida, e com *POC* não foi diferente. A escolha se sucede com base no que bell hooks aponta como o seu entendimento de amor, que diferente do que é vendido nas produções midiáticas ocidentais, para a autora o amor consiste em uma *ação e intenção* (hooks,1993), ou seja, o amor é construído, ele é autônomo, é possível para todos aqueles que queiram vivenciar e experienciar esse sentimento. Por esse motivo, me debruço atualmente nesse sentimento, entendendo sua importância para processos de reconstrução da autoestima desses sujeitos dissidentes e como fortalecimento na construção de laços entre pessoas negras e/ou LGBTQIA+. ¹⁰³

Após colher as histórias de amor dos integrantes de *POC*, iniciamos várias experimentações em nossos encontros que expressassem, através do corpo, os sentimentos, reflexões e atravessamentos que essas vivências relatadas nas histórias geraram para cada um. Antes dessas investigações, eu sempre mediava um momento que intitulei como *orgasmo coletivo criativo*, que consistia em uma chegada harmoniosa, que poderia perpassar por situações de massagens em grupo, exercícios de alongamento que ao mesmo tempo provocava cenas sensuais e debochadas ou uma sessão de partilha de beijos dançantes entre nós, por exemplo. O intuito era preparar esses corpos para uma imersão afetiva durante o processo, desconectando suas preocupações com o mundo exterior e concebendo um espaço seguro de compartilhamento de seus sentimentos e emoções.

¹⁰³ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersex, agêneros, assexuados e mais).

A improvisação foi uma técnica muito utilizada durante o processo todo, pois ela se constituiu como uma ferramenta fundamental dentro da proposta do *mapeamento dos afetos*, em razão de ser um dispositivo muito utilizado na cultura das bixas pretas, sendo que manifestações como a *Ball Culture*¹⁰⁴, abriga até hoje momentos de improvisação através da dança *Vogue*¹⁰⁵ por exemplo. Se pensarmos em todos os atravessamentos que esses corpos vivenciam, a improvisação é uma ferramenta constante para a nossa sobrevivência em um mundo tão violento que elimina diariamente nossos corpos. O objetivo também era que os mesmos acessassem lugares mais inconscientes através da dança, buscando os registros das vivências em seus corpos.

O espetáculo foi construído com base em todas as experimentações que tivemos no decorrer do processo, sendo que algumas partes foram coreografadas e outras utilizaram cenas semiestruturadas, que permitiam que os intérpretes improvisassem em alguns momentos de acordo com a interação do público e/ou os seus estados emocionais naquele dia.

A repercussão diversa do público, os depoimentos posteriores sobre o processo e espetáculo que vieram do elenco, me fizeram pensar na variedade de caminhos que a *homoafetividade negra* pode apontar quando utilizada na construção de processos e obras artísticas em dança. Foco nesta linguagem, pois além de ser no que venho me debruçando enquanto artista e pesquisador atualmente, acredito que a dança contemporânea possui uma maneira muito única de explorar os afetos, por poder investigar o corpo em sua totalidade como comunicador de sua arte e ideias.

Pensando em uma metodologia de pesquisa para este artigo, atravessando uma pandemia da Covid-19, a qual ocasionou o distanciamento físico social, realizei as entrevistas com o elenco via plataforma *StramYard*¹⁰⁶,

¹⁰⁴ Movimento iniciado na década de 80 nos Estados Unidos por bixas pretas em clubes gays, que mesclava concursos com desfile de moda com várias categorias e batalhas de danças Vogue, inspirados nas estrelas das revistas, cinema, publicidade e televisão. (BERTE, 2014)

¹⁰⁵ Dança criada na *Ball Culture*, tendo como inspiração as poses das modelos da revista VOGUE. A dança funde movimentos do *Break Dance*, ginástica artística e desfiles de moda, encadeando linhas corporais sinuosas e retilíneas e posições refinadas. (PARIS IS BURNING, 1990)

¹⁰⁶ Plataforma virtual para reuniões em vídeo

na qual realizei cinco perguntas fixas para todos os interpretes, depois houve um momento de *improvisação* e a partir das respostas eu formulava novas perguntas durante a entrevista. Posteriormente, criei um *mapeamento de afetos* com base nas entrevistas, criando uma tabela de *post-it* virtuais, ligando temas, questões, atravessamentos e diálogos que ocorreram durante o processo de criação e apresentação do espetáculo. Dessa forma, o próprio processo de pesquisa é atravessado pela metodologia em desenvolvimento, alicerçando a curadoria dos depoimentos com base na mesma.

As perguntas fixas realizadas foram: 1) *O que te fez querer participar desse processo?* 2) *Como foi participar de um processo artístico que partiu de histórias de amor?* 3) *Quais são suas lembranças mais significativas do processo? E por quê?* 4) *Tem interesse de elaborar ou participar de um outro processo artístico que tenha como base um estudo voltado para os afetos?* 5) *Depois dessa experiência, o que significa ser uma POC para você?* As respostas perpassaram por temas como: problematizações de masculinidades negras, o deboche como uma armadura e resistência, as vivências como processo de autodescobrimento, debates sobre *colorismo*¹⁰⁷ e apontamentos de reverberações posteriores.

Amor e afeto foram dois temas bastantes explorados. A maioria dos comentários dialogaram muito com a perspectiva apontada por hooks sobre o amor, como um sentimento autônomo, diverso, particular e coletivo ao mesmo tempo. Outros apontaram a importância de falar sobre afetos negros à nossa resistência. Eduardo acrescentou a relevância de compartilhar sobre esses assuntos com as crianças, principalmente trabalhando o auto afeto. Depoimento de Daniel como “Quando eu me vi rebolando, caiu a ficha que eu sou *gostosa*.”, nos mostra como explorar o nosso próprio corpo e nossas subjetividades podem modificar a maneira como nos relacionamos com nós mesmos.

Assim, o comentário de Daniel, juntamente com outros depoimentos de alguns integrantes como o do Eduardo que disse “As vivências de corpo

¹⁰⁷ Um tipo de discriminação baseado na cor da pele onde, quanto mais escura a tonalidade da pele de uma pessoa, maior as suas chances de sofrer exclusão em sociedade. (SILVA, 2017, p. 03)

permitiram que eu me conhecesse melhor”, ou Patrick que acentuou que “Depois que o processo acabou, eu consegui perceber muito mais coisas no meu corpo”, indicam como a soma de utilizar a improvisação na dança com uma mediação mais sensível que priorize a escuta do outro e a escolha por utilizar histórias homoafetivas como disparador criativo, podem alterar a nossa percepção sobre nós mesmos e promover uma conexão maior com o seu próprio corpo e autoestima. Embora estando em um cenário caótico, no qual os corpos das bixas pretas sofrem violências diárias, esses processos criativos contribuem para um fortalecimento desses sujeitos que reverberam em representatividades possíveis para outros corpos.

Além disso, como dito anteriormente, o objetivo de utilizar o *mapeamento dos afetos* como um disparador, é entendendo que falar sobre afetos envolve uma gama de possíveis outros assuntos e questões que irão surgir a partir de cada sujeito e contexto. Um exemplo disso, é quando Willian e Daniel apontam a questão do *colorismo* em suas falas, sendo que ambos são sujeitos negros de pele clara. Quando divulgamos os encartes da obra, algumas pessoas não os identificaram enquanto bixas pretas, recaindo até em algumas críticas sobre essa escolha. Entretanto, o fato de gerar esse debate em rodas de conversas, diálogos informais e escritas acadêmicas, automaticamente nos mostra a importância de discutir sobre este assunto. Willian afirma que o processo foi “Um divisor de águas identitárias” e que ele sentiu que se conectou mais com sua ancestralidade.

Por fim, terminei a entrevista perguntando o que cada um entendia por homoafetividade negra e a grande maioria associou a *relações amorosas homoafetivas* instantaneamente. Allan e Patrick por estarem atualmente namorando, falaram muito da questão de parceria, de estar com alguém que lhe entenda e lhe proteja. Daniel, disse que “Quando penso em homoafetividade, penso em um grande leque de pessoas se amando, homens e mulheres”, e ainda fez uma provocação no sentido de que os homens héteros exercem muito essas trocas homoafetivas, mas não assumem esse lugar. Já, William me devolve a pergunta com outras duas, enunciando: “Por que falar sobre *homoafetividade*, se podemos falar sobre *afetividades*? E como a ideia de homoafetividade fica para os corpos trans? ”.

Essas questões não possuem uma resposta única, até porque a complexidade de relacionar afetos com identidade de gênero, sexualidade e raça é extrema se pensarmos na variedade de sujeitos, perspectivas e realidades. Porém, nesse artigo, assumo que a ideia de *homoafetividade negra* na dança não contempla todos os sujeitos, pelo contrário, ela é delimitada para um grupo que possui vivências e experiências afetivas até certo ponto em comum, respeitando sempre suas individualidades. Entretanto, acredito na importância de problematizar essas especificidades *afetivas dissidentes* para justamente falar sobre diversos afetos, sendo que a nossa estrutura social, econômica, política e cultural, impregnada pelo racismo, homofobia, machismo entre outras violências, acabam criando vários segmentos que nos distanciam dos nossos e de nós mesmos. Espero que essa pesquisa, assim como outras que se aventuram a refletir sobre processos afetivos, busquem cada vez mais falar de outras possíveis afetividades.

Quilombo de Afetos

Para a *fexação*¹⁰⁸ desse artigo, acredito que todas essas reflexões e apontamentos podem resultar em um possível conceito, o qual venho desenvolvendo na minha pesquisa de mestrado intitulado até o momento de *Quilombo de afetos*, que consiste na construção de uma rede afetiva que priorize experiências de pessoas negras, no intuito de desenvolver um espaço seguro de troca e conhecimento pessoal, permitindo o fortalecimento do movimento negro e possibilitando que outros grupos sociais possam priorizar suas vivências afetivas como estratégia de resistência e (re)existência.

Esse possível conceito nasce como extensão do conceito de *Quilombismo* de Abdias Nascimento, que em suas palavras:

O Quilombismo propõe, em síntese, um socialismo democrático e descentralizado, com ênfase na propriedade coletiva da terra, nas realidades pluriculturais e multiétnicas das sociedades americanas, e nas necessidades de respeito à pessoa dos descendentes de africanos e dos povos indígenas, bem como de reconstrução das histórias e dos

¹⁰⁸ É uma expressão cultural, que denota uma deslumbrante aparição, uma ação esplendorosa. Quando utilizada reflete as gírias das pessoas LGBTQIA+, em contextos múltiplos e em situações variadas. (SANTOS, 2019, p.89). Neste contexto me inspiro em Leonardo Santos ao utilizar o termo como sinônimo de “conclusão” em sua dissertação de mestrado.

valores culturais não europeus. [...] Trata-se de uma forma de administração e organização nacional que leva em conta as necessidades de populações específicas num contexto multirracial. (NASCIMENTO, 2019, p. 330)

Como a proposta de Nascimento, abrange uma vasta dimensão política, cultural, econômica e histórica, a concepção de *Quilombos de afetos*, surge como um galho diante dessa árvore imensa de possibilidades que Abdias planta em nossa história. Palavras fundamentais utilizadas pelo autor como respeito, reconstrução e justiça, nesse caso são direcionadas para uma atenção para os nossos afetos como potencializadores revolucionários para o enfrentamento dessa supremacia branca.

Quando começamos a direcionar a nossa atenção para as nossas dimensões afetivas, estamos lutando contra um sistema que nos trata como seres inferiores, que nos apontam como não dignos de possuir subjetividades complexas. Além disso, quando passamos a nos cuidar e entender a importância de direcionar um olhar mais atento para as nossas questões afetivas, nos fortalecemos como indivíduo e coletivo, e desenvolvemos um quilombo com um poder de luta e resistência. Beatriz Nascimento fala um pouco sobre essa questão de poder em seu livro *Quilombola e intelectual – Possibilidade nos dias da destruição* (2018):

A investigação sobre o quilombo se baseia e parte da questão do poder. Por mais que um sistema social domine é possível que se crie aí dentro de um sistema diferencial e é isso que é o quilombo é. Só que não é um estado de poder no sentido que a gente entende, poder político, poder de dominação. Porque ele não tem essa perspectiva, cada indivíduo é o poder, cada indivíduo é o quilombo. (NASCIMENTO, 2018, p334.)

O intuito de não associar esse possível conceito como exclusivo para os corpos dissidentes, é justamente de abraçar essa ideia mais ampla e coletiva de Abdias e Beatriz, entendendo que independente da identidade de gênero e orientação sexual, enquanto negros, possuímos o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) como um elemento comum e constituinte na composição de nossos afetos, entendendo que as camadas de interseccionalidades (AKOTIRENE, 2019) atuam no apontamento de outros atravessamentos devido a diversas violências estruturais.

Com isso, a dança contemporânea negra que utiliza os afetos como potencializador de suas criações, aparece como uma possível linha que

costura essa rede afetiva, permitindo uma reverberação de subjetividades, uma movimentação de saberes sensíveis e um dispositivo dramatúrgico que narra outros corpos. Entendo que esse *Quilombo de afetos* pode ser construído de diferentes formas, por várias linguagens artísticas, acadêmicas, sociais e humanas, porém, acredito que o foco dessa proposta é evidenciar o quão é importante falar de afetos, para falarmos de vida.

E agora, como você está se sentindo? O que te afeta nesse momento? Você se sentiu afetado por esse texto? Acredito que a melhor forma de terminar essa escrita é indagando possíveis reflexões, pois pensar sobre as nossas vivências afetivas, não é luxo, e sim, uma necessidade.

Referências Bibliográficas

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Ed02. São Paulo: Pólen, 2019
- ALMEIDA, Silva. **Racismo Estrutural**. Ed02. São Paulo: Pólen, 2019
- BERTE, Odailson. VOGUE: dança a partir de relações corpo-imagem. **Dança**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, v.3, n.2, 2014, p. 69-80
- DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: As origens biológicas dos sentimentos e da cultura. Trad. Laura Motta. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- DIAS Maria Berenice. **União Homoafetiva**: o Preconceito e a Justiça. Ed.4. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Trad. P. Siqueira. **Cadernos de campo**. São Paulo: Edusp, v.13, n.13, 2005, p. 155-161
- HOMEOSTASE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/homeostase/>>. Acesso em: 23/07/2020.
- hooks, bell. *Living to Love*: **Women's Health**. Emmaus: Rodale, vol. 05, 1993, p. 231-236

MARTINS, Leda. Performances da Oralidade: Corpo, lugar da memória. **Letras**. Santa Maria: Universidade Federal Santa Maria, vol. 26, 2003, p.63-81

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: Documento de uma militância Pan-Africanista. Ed03. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. Ed. São Paulo: Filhos da África, 2018.

PARIS is burning. Produção e direção de Jennie Livingston. New York, USA: Academy Entertainment Off White Productions. Miramax Films Distribuidora, 1990. 1 DVD (76 min.): DVD, NTSC, color.

SANTOS, Leonardo. *Gênero e sexualidades nas licenciaturas em Dança da UFBA: por e para uma pedagogia queer*. Dissertação de mestrado em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2019.

SILVA, Tainan. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Direito UNIFACS – Debate Virtual**. Salvador: UNIFACS, n. 201, 2017, p.01-19

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: diáspora da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf (org). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. Ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019, p. 77-93

Anda

associação nacional de
pesquisadores em dança



EDITORA

Anda

associação nacional de
pesquisadores em dança